

A PESQUISA DA SUBJETIVIDADE EM TEOLOGIA – NOTAS SOBRE O MÉTODO CARTOGRÁFICO¹

Mary Rute Gomes Esperandio²
Alexander Cordeiro Lopes³

Resumo: A finalidade deste artigo é trazer para o contexto da reflexão teológica a contribuição dos estudos de Foucault e Deleuze sobre a genealogia/cartografia. Neste sentido, a abordagem inicia com a apresentação da noção de *processos de subjetivação* e de *subjetividade* para, em seguida, apresentar os fundamentos do método cartográfico, fruto da compreensão de *genealogia* apresentada por Nietzsche e aprofundada por Foucault. Por último, debate-se a possibilidade de se produzir teologia a partir desses conceitos. **Palavras-chave:** Subjetividade. Processos de subjetivação. Genealogia. Método cartográfico.

Research in Theology on Subjectivity – Remarks on the Cartographic Method

Abstract: The purpose of this paper is to bring to the context of theological studies the contribution of Foucault and Deleuze on genealogy /cartography. In this sense, the approach begins with the presentation of the concept of *subjectivity* and the *processes of subjectivation* in order to present then the fundamentals of cartographic method such as developed by Foucault following Nietzsche's understanding of genealogy. Finally, the possibility of producing theology from these concepts is discussed.

Keywords: Subjectivity. Processes of subjectivation. Genealogy. Cartographic method.

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos, que estava junto do Pai e que se tornou visível para nós –, isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (1Jo 1.1-3).

A teologia cristã nasce de uma experiência histórica. Reconhecer isso implica assumir que a reflexão sobre a experiência cristã é convocada a olhar para a história – porque nosso Deus se fez histórico. Neste sentido, a atividade teológica olha o passado não como quem está

¹ O artigo foi recebido em 23 de março de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 08 de abril de 2011.

² Doutora em Teologia, professora adjunta no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Teologia na PUCPR. Psicóloga, CRP 08/13082. Contato: mresperandio@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUCPR. Contato: pe.alexcordeiro@gmail.com

em busca de uma origem pura de algo que precise imitar mimeticamente... Olhando para trás, encontra no passado as linhas de força que convergiram no evento Jesus Cristo. Evento esse que dinamiza processos de continuidade, (des)continuidade e até mesmo rupturas.

Pensar teologia a partir do pressuposto de que as verdades são construídas no interior mesmo da história ganha reforço na filosofia de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Esses autores trabalham com a noção nietzschiana de genealogia (que integra a cartografia) e convidam à racionalidade atual a *cartografar* as relações de força que compõem nosso modo contemporâneo de ser e estar no mundo.

O presente artigo traz para o âmbito da reflexão teológica os estudos foucaultianos/deleuzeanos que abordam a perspectiva genealógica de produção de conhecimento e análise das práticas. Primeiramente, são apresentadas as noções de subjetividade e subjetivação, noções essas que se encontram na base do método cartográfico, fruto da compreensão de *genealogia* apresentada por Nietzsche e aprofundada por Foucault. Por último, debatemos a possibilidade de se produzir teologia a partir desses referenciais.

Subjetividade e processos de subjetivação

Deleuze observa que, na compreensão foucaultiana das formações históricas, três dimensões estão sempre presentes e se implicam mutuamente: o saber, o poder e a subjetivação.⁴ Por *saber*, também denominado de “arquivo”, Foucault compreende o conhecimento construído por uma sociedade e que fundamenta maneiras de organização institucional, ou seja, aquilo que está já estabelecido. O *poder*, por sua vez, é tomado como força que entra em relação com outras forças possibilitando, nesses jogos de forças, a constituição de modos de existência. “Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos.”⁵ Deleuze observa que a problemática do saber e do poder leva Foucault à seguinte questão: *como é possível escapar à força do saber e do poder e produzir o novo?* Foucault percebe a necessidade de compreender as linhas de fuga diante daquilo que está já instituído, forjado pelo saber e pelo poder. Seus estudos sobre o poder fazem-no lidar com uma *necessidade conceitual* que pudesse representar a possibilidade de transpor o estabelecido pelo poder fundamentado no saber, gerando o novo.

Assim, Foucault chega à ideia de *processo de subjetivação*. Ao explicar esse conceito, Deleuze afirma:

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade

⁴ DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972 - 1990**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 115.

⁵ DELEUZE, 1992, p. 116.

e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a “pessoa”: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder⁶.

Ou seja, a subjetivação diz respeito à criação de modos de existência, de estilos de vida,

ou da invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, a nossa relação com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte. Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furta ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles⁷.

A análise dos processos de subjetivação remete à problematização da própria subjetividade. Isto por que, a busca de compreensão dos modos de existência diz respeito à análise de quem somos nós e também à análise do nosso presente. Neste sentido, “talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste ‘duplo constrangimento’ político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno”⁸.

A subjetividade é, portanto, a dobra do poder e do saber sobre si mesmo, transformando e reconfigurando as linhas de força que compõem o Si. Importante destacar que subjetividade não é usada aqui em sentido oposto à objetividade, nem mesmo como referência a uma suposta relação dicotômica entre sujeito-objeto; indivíduo-sociedade. “A noção de subjetividade tal como desenvolvida por autores como Deleuze, Guattari, Foucault e Rolnik, não diz respeito a algo dado, ou predefinido, relacionado a qualquer essência humana universal. A subjetividade se constrói na complexidade das relações de força, nos jogos de poder, na produção do próprio conhecimento.”⁹ Pode-se pensar a subjetividade como a materialidade dos processos de subjetivação. Em outras palavras, refere-se ao processo de constituição do *Si*, um processo em que os seres humanos e as sociedades com suas culturas e seus modos de subjetivação, dobrando essas forças exteriores, produzem formas de ser e estar no mundo – formando figuras com contornos flexíveis.

⁶ DELEUZE, 1992, p. 123-124.

⁷ DELEUZE, 1992, p. 116.

⁸ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Orgs.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 239.

⁹ ESPERANDIO, Mary R. G. Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). **Uma Religião Chamada Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 18.

Foucault define essa *produção de Si* como sendo uma obra de arte, uma constituição ordenada, ou seja, através de escolhas éticas que resultam em uma estética do Si – criação de novas possibilidades de vida.¹⁰

A teologia descobre aqui um campo de atuação extremamente profícuo. A atividade teológica se vê confrontada com as seguintes questões: as maneiras de constituição de si que temos em nossos dias podem ser caracterizadas como processos de afirmação da vida, conforme descobrimos no Evangelho? Para além do poder e do saber instituídos, como podemos – seguindo os passos de Jesus Cristo – encontrar brechas para a constituição de novos modos de existência afirmadores da vida? Nossas instituições eclesiais, em seus jogos de poder e saber, têm possibilitado processos de subjetivação que escapem às produções dominantes de subjetivação (especialmente em sua expressão de um individualismo exacerbado) e que gerem a valorização da vida como dom precioso?

A cartografia como método

Pesquisar a subjetividade significa *desenhar* as linhas de força que a constituem. A cartografia deleuzeana, decorrente dos pensamentos de Nietzsche e Foucault, apresenta-se como método que se pode aplicar nesta análise.

Esse método relaciona-se, melhor dizendo, depende de uma outra maneira de se compreender os processos de configuração do social, diferente do que se concebia até então. O avanço da reflexão filosófica atual permite-nos afirmar que tudo o que existe nas sociedades humanas é produto humano. Não há nada dado, pronto, fixo. De fato, a Idade Média foi marcadamente metafísica. A busca de uma verdade, de uma origem das coisas, pautou tanto o Medievo quanto a Modernidade.

Entretanto, esse modelo de busca de verdades únicas, das origens das coisas, das certezas sobre o humano e suas instituições entrou em colapso: “Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de certa ordem científica. As condições epistêmicas das nossas perguntas estão inscritas no avesso dos conceitos que utilizamos para lhes dar resposta”¹¹. Hoje compreendemos que o arcabouço teórico que fundamenta a ciência é ele mesmo uma construção, uma produção do humano. A teoria não está aquém, num lugar à parte, esperando ser descoberta pela ciência ou pela filosofia. A teoria, ela mesma, é edificada, construída, parida pelo humano. Não há uma verdade absoluta que se deva buscar. Precisamos hoje *mapear* as ideias, os conceitos, os processos como foram concebidos, institucionalizados e chegaram a ser estabelecidos como *verdade*.

¹⁰ DELEUZE, 1992, p. 125-126.

¹¹ SANTOS, Boaventura apud ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A Cartografia e a Relação Pesquisa e Vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 168, 2009. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs/viewarticle.php?id=627>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

Com o grande avanço científico moderno e sua enorme e importante produção, tornou-se evidente a fragilidade de suas ferramentas para abranger o que ocorre, de fato, na vida. Dessa maneira, deparamo-nos com a complexidade da realidade, e também da subjetividade, opondo-se frontalmente a um conhecimento que se impõe como verdade, generalizante e simplificado, e que tem como objetivo alcançar a previsibilidade a partir de um espaço inteligível de certezas.¹²

“A verdade e seu reino originário tiveram a sua história na história.”¹³ Com essa afirmação, Foucault, parafraseando Nietzsche, chama a atenção para a constituição das *verdades* e dos *métodos* que estabelecem as verdades como tais: elas são uma *construção*. A própria ideia de método científico é uma construção histórica, forjada em meio às disputas dos cientistas e das ciências entre si. A pesquisa sobre a *origem* das realidades fica assim destituída de sentido. Buscar a origem seria fruto da pretensão de encontrar, em um tempo da história, um momento puro, em que aquela instituição, objeto, pessoa ou conceito seria mais verdadeiro, menos contaminado.

O pesquisador ou a pesquisadora que busca escutar a história, olhando os processos humanos marcados pelos desejos, anseios e realidades que a olhos comuns pareceriam de menor importância, descobre algo que permanecia imperceptível, à espera de visibilidade e de enunciação, qual seja, a produção histórica das coisas, o terreno de emergência das realidades, marcado pelas contradições e lutas de poder. Não é possível encontrar a *origem pura* das configurações sociais, mas os processos que as constituíram – sua *genealogia*.

Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas. [...] O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate.¹⁴

Segundo Foucault, o *genealogista* busca na história não a origem, mas as pequenas lutas, os poderes escondidos, prestando atenção quase que inescrupulosamente a todos os detalhes que, aos olhares mais simples, seriam sem importância, escavando para verificar os processos que possibilitaram as condições de emergência das realidades. Foucault pergunta:

¹² ROMAGNOLI, 2009, p. 168.

¹³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 26. ed. São Paulo: Graal, 2008.

¹⁴ FOUCAULT, 2008, p. 17-18.

A razão? Mas ela nasceu de uma maneira inteiramente “desrazoável” – do acaso. A dedicação à verdade e ao rigor dos métodos científicos? Da paixão dos cientistas, de seu ódio recíproco, de suas discussões fanáticas e sempre retomadas, da necessidade de suprimir a paixão – armas lentamente forjadas ao longo das lutas pessoais. E a liberdade, seria ela, na raiz do homem o que o liga ao ser e à verdade? De fato, ela é apenas uma “invenção das classes dominantes”¹⁵.

A ciência, com sua pretensão à descoberta de uma verdade que seja dita como válida, consolida uma espécie de saber. Um saber que se impõe sobre os demais saberes. “A reativação dos saberes locais [...] contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder, eis o projeto destas genealogias desordenadas e fragmentárias.”¹⁶ Ao qualificar uma verdade como sendo cientificamente comprovada, desqualificam-se todas as demais formas de saberes ocultos, informais, não acadêmicos. A *genealogia*, pelo contrário, interessa-se também pelos saberes locais, das pessoas em seu dia a dia. Ela “é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade”¹⁷. Esses saberes, desconsiderados pela academia ou por ela sistematizados, hierarquizados e depurados, trazem em si a marca da luta das forças que possibilitam a emergência daquilo que é mais simples, e bem por isso, mais consistente no tecido social.

Também a teologia padece do cientificismo. Neste sentido, ela é confrontada a, corajosamente, debruçar-se sobre as pequenas forças de produção do real, a fim de que, dando visibilidade ao que parece não ser visto e denunciando situações que diminuam e despotencializem a vida, possa, desse modo, favorecer a instauração de processos outros que afirmem a vida. Em outras palavras, faz-se necessário *dese-nhar* as linhas de força, a fim de encontrar brechas no instituído que possibilitem a produção de novas formas de existência. A esse *desenho* Deleuze chama *cartografia*.

Cartografar é desemaranhar tanto as linhas que compõem o estabelecido, quanto as que apontam as possibilidades do novo.¹⁸ Trata-se de mapear os acontecimentos, não como quem busca origens “mesmo que perdidas ou rasuradas”, mas a formação do novo. Deleuze coloca como sinônimos: pragmática, diagramatismo, cartografia – “tudo isto não tem outro objeto do que o estudo das linhas em grupos ou indivíduos”¹⁹.

Se a cartografia não busca a origem, tampouco busca a verdade. Ela procura pelos processos, pelas linhas que vão transformando a paisagem humana, desenhando territórios sempre em mutação. Ela pressupõe que uma realidade nunca é

¹⁵ FOUCAULT, 2008, p. 18.

¹⁶ FOUCAULT, 2008, p. 172.

¹⁷ FOUCAULT, 2008, p. 172.

¹⁸ DELEUZE, 1992, p. 109; DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 146.

¹⁹ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146.

estática, pronta, acabada. Mas que as configurações sociais são resultantes de um permanente processo de composição das relações de forças, de saber, de poder, de constituição de Si. O mundo – num sentido mais geral – e o mundo humano – são processos dinâmicos. E é pela sua dinamicidade que a atividade cartográfica procura. Busca-se colocar em evidência o movimento das forças que possibilitam a emergência das novas configurações, dos novos territórios em permanente mutação.

A pesquisa da subjetividade encontra na cartografia o seu método adequado, pois compreende que “não há um ser humano pronto, feito na infância e que possui uma estrutura imutável. Mas um ser que se vai fazendo, a partir das forças que se lhe impõe de fora, na capacidade de se afetar e ser afetado”²⁰. Cartografar é desenhando essas forças atuando no tempo, constituindo realidades, dobrando-se sobre si. “Contrapondo-se à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, a cartografia remete a um acompanhamento dos movimentos invisíveis e imprevisíveis que vão transformando a paisagem vigente, em seus acidentes e suas mutações.”²¹

Mas em que consiste esse *desenho*? O que se *mapeia*? Como se *mapeiam* os territórios? Mapeiam-se as *linhas de força*. Delas se traça um *diagrama* das coisas. Deleuze observa, inclusive, que “toda a sociedade tem o seu ou os seus diagramas”²². Escobar, parafraseando Deleuze, afirma que “as linhas são os elementos constitutivos das coisas e acontecimentos. É por isso que cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama. O que há de interessante mesmo em uma pessoa são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma ou que cria”²³. E essas linhas não são todas iguais.

Para fazer mais claro o que seriam essas linhas, Deleuze explica que “somos feitos de linhas e essas são de natureza bem diversa”²⁴. Essas linhas compõem, simultaneamente, tanto as configurações do social quanto as singularidades pessoais.

A primeira espécie de linha que nos compõe é segmentária. As *linhas de segmentaridade dura* são “todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções”²⁵. Por exemplo, o percurso linear da família à escola, da escola ao exército, do exército ao trabalho, do trabalho à aposentadoria. São linhas bem visíveis e fáceis de detectar, geralmente referentes à formação dos

²⁰ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A produção da (In)visibilidade da pessoa portadora de deficiência mental**. Cartografia de uma comunidade Batista. 2001. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Eucumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001. p. 61.

²¹ SOARES, Auriseane Gomes. Construindo ferramentas para ir ao encontro dos saberes da experiência: novos olhares sobre a formação continuada. VI SEMINÁRIO DA REDESTRADO – Regulação Educacional e Trabalho Docente. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_3/construindo_ferramentas.pdf>. p. 4. Acesso em: 10 abr. 2010.

²² DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 45.

²³ ESCOBAR, Carlos Henrique de (Org.). **Dossier Deleuze**. [s.l.]: Hólon Editorial, 1991. p. 124.

²⁴ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145.

²⁵ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145.

sujeitos. As linhas de segmentaridade dura comportam dispositivos de poder que definem as relações.

Todas as linhas de segmentaridade dura envolvem um certo plano que concerne, a um só tempo, às formas e seu desenvolvimento, os sujeitos e sua formação. *Plano de organização* que dispõe sempre de uma dimensão suplementar (sobrecodificação). A educação do sujeito e a harmonização da forma não param de obcecar nossa cultura, de inspirar as segmentações, as planificações [...].²⁶

A outra espécie de linha são as de *segmentaridade flexível ou molecular*. Essas traçam modificações pequenas, perpassando os indivíduos, os grupos, as sociedades. São apreendidas pelo desejo, pelo estético, pela atração ou repulsa. Uma profissão é um segmento duro, mas as conexões, atrações e repulsões que aí estão presentes não coincidem com os segmentos, como que “loucuras secretas e, no entanto, em relação com as potências públicas”²⁷. Essas linhas são precisas, mas um pouco mais invisíveis, fazendo pequenos desvios, não sem importância, gerando, por vezes, processos irreversíveis.

Uma terceira espécie de linha são as chamadas “linhas de fuga” – “a mais complicada de todas, a mais tortuosa”²⁸ – e que correspondem à desterritorialização, à queda vertiginosa, à edificação de algo novo, que desestabiliza e gera angústia, posto que não se sabe ao certo qual sua destinação.

Essa linha parece surgir depois, se destacar das outras, se conseguir se destacar. Pois, talvez haja pessoas que não têm essa linha, que têm apenas as duas outras, ou que têm apenas uma, que vivem apenas sobre uma. No entanto, de outra maneira, essa linha está aí desde sempre, embora seja o contrário de um destino: ela não tem que se destacar das outras; ela seria, antes, primeira, as outras derivariam dela.²⁹

Cartografar, portanto, consiste em desemaranhar essas linhas de força, colocando-as às claras. Trata-se de uma microanálise, que desce aos detalhes dos poderes e dos saberes que perpassam as subjetividades. A cartografia busca, então, o processo, a história, o movimento. Na cartografia, buscam-se as condições que possibilitaram a emergência do atual, ou seja, os processos que possibilitaram e produziram subjetivações. Deleuze explica que “não buscaríamos origens, mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de ‘a atualidade’”³⁰.

²⁶ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 151.

²⁷ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146.

²⁸ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146.

²⁹ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146.

³⁰ DELEUZE, 1992, p. 109.

A cartografia desafia – e muito – a teologia, acostumada a buscar verdades eternas nas origens da realidade. Muitos teólogos entendem a verdade como sendo já preestabelecida, não construída; dada e não forjada. Certamente, a cartografia coloca em cheque muitos conceitos teológicos e pode auxiliar, de modo especial, a área pastoral, ou a Teologia Prática, conforme se poderá verificar mais adiante.

Subjetividade, cartografia e teologia: que relação possível?

É possível produzir teologia a partir da pesquisa da subjetividade tendo como método a cartografia? Que teologia pode surgir dela? Esperandio observa que

a pesquisa em Teologia na perspectiva da *subjetividade* faz ganhar a própria Teologia, pois o estudo da subjetividade e dos processos de subjetivação pode apontar questões inéditas para o fazer teológico, especialmente se considerarmos que a especificidade da investigação teológica estaria no estudo da relação que o ser humano constrói com o sagrado, conforme a posição do teólogo Adolphe Gesché (2003, p. 29-30). Dessa perspectiva, a pesquisa contribuiria com as várias áreas da Teologia, desde a Pastoral/Prática, como também com a Sistemática, Histórica e Bíblica³¹.

O Jesus de Nazaré, compreendido como Deus encarnado, aponta para o fato de que uma força longínqua, de um fora mais distante e que denominamos *Deus*, adentrou a vida das sociedades humanas, vindo compor com outras forças, fazendo aparecer novas configurações com a potência transformadora de subjetividades, de mundos, de formações históricas. Esse processo não para de se recriar. Trata-se de um movimento contínuo. Em dado momento, dependendo de como a composição se configura, tal processo pode expressar restrição ou expansão da vida. Contudo, crê-se que a mensagem do Cristo é essencialmente de afirmação da vida. É, pois, neste sentido, que se coloca o desafio da pesquisa da subjetividade em teologia: o de encontrar brechas no instituído que afirmem modos cristãos que expressem a singularidade da mensagem salvífica: “de vida e vida em abundância!” (Jo 10.10).

A teologia tem o desafio de adentrar ao pensamento que caracteriza nossas sociedades desde Descartes: a historicidade do real e sua autonomia. Queiruga, em seu livro *O fim do Cristianismo Pré-Moderno*³², descreve o processo pelo qual as realidades foram adquirindo autonomia diante do *espiritual*.

Essa nova maneira de compreender a realidade teve início com a física: concluiu-se que os astros não eram movidos pela divindade, mas por leis naturais intrínsecas a esses mesmos astros. Seguiu-se na medicina: as enfermidades não eram produzidas pelos demônios, mas por condições fisiológicas, que poderiam,

³¹ ESPERANDIO, Mary R. G. Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia. In: BOBSIN et al. (Orgs.), 2008, p. 23.

³² QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno**: desafios para um novo horizonte. São Paulo: Paulus, 2003. p. 20.

inclusive, com o uso de técnicas médicas, ser sanadas sem recurso aos poderes divinos. A ordem vigente das realidades sociais, com suas políticas (o poder e sua configuração) bem como a ordem econômica, com as diferenças (e injustiças) sociais que geram não são fruto de disposições divinas preestabelecidas, mas resultado de decisões humanas diretas. Se há pobres e ricos, não é porque Deus assim o quis, mas são consequências das injustiças históricas que os seres humanos construíram. O governante não exerce o poder por mandato divino, mas porque os cidadãos decidiram outorgar-lhe tal autoridade, de tal forma que precisa prestar contas não somente a Deus, mas ao povo. Também a psicologia demonstrou que o comportamento humano não deriva de intervenções divinas ou demoníacas diretas, mas são construções sobre as experiências vividas numa dada formação social e histórica.

Portanto a história não está dada de antemão em uma origem, quer seja divina ou mesmo cientificamente estabelecida; nós a produzimos – é produto de nossas mãos, de nossas relações. Desse modo, entende-se que tudo é processo, é construção.

O valor da encarnação do Filho de Deus adquire aqui outra profundidade, mais radical ainda do que aquela anunciada por Anselmo de Aosta, que afirmava a *necessidade* de que um Deus-homem morresse para satisfazer a justiça divina.³³ Na verdade, iluminados pelos novos paradigmas contemporâneos, podemos afirmar que em Jesus Cristo Deus se fez humano para que pudesse, desde dentro, como humano, descobrir as fissuras do instituído – instituído esse que gera a morte – e abrindo brechas nele, possibilitar a emergência de subjetividades e processos de subjetivação que afirmem a vida, afirmem o humano. Ele mudou a história a partir de dentro da história mesma. E se damos importância fundamental aos *processos* é porque acreditamos, como Deleuze, que “os processos são devires, e estes não se julgam pelos resultados que os fundariam, mas pela qualidade dos seus cursos e pela potência de sua continuação”³⁴.

Não há uma salvação metafísica, como se Deus nos salvasse dele mesmo ou de sua ira, que se derramaria sobre os injustos caso o seu Filho não o satisfizesse.

³³ ANSELMO, Santo. **Por que Deus se fez Homem?** São Paulo: Novo Século, 2003. p. 104. Anselmo de Aosta (1033-1109), arcebispo de Cantuária, é conhecido como o Pai da Escolástica. Bebendo das fontes agostinianas, mas inserido num contexto de controvérsia com o judaísmo e o islamismo e fortemente influenciado pela lógica aristotélica, que recentemente havia chegado à Europa, tencionava provar racionalmente a necessidade da encarnação, questionada por essas duas religiões. Sua tese teológica consiste basicamente em ser impossível ao ser humano finito restituir a Deus a sua honra infinita ferida pelo pecado original. Somente Deus que é infinito poderia sanar a dívida infinita. Mas não podia fazê-lo no lugar do homem, pois é ele quem deveria pagar pelo seu crime. Logo, para que o mal fosse reparado, era necessário que Deus mesmo o reparasse, mas era também necessário que o homem satisfizesse a Deus. A conclusão lógica a que chega Anselmo é que somente “[...] a morte do inocente, voluntária, dotada de valor imenso, a morte de um homem-Deus, que, oferecendo-se a si mesmo em nosso lugar, apaga o pecado do homem e restabelece a plena ordem perturbada” (SERENTHÁ, Mario. **Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre**. Ensaio de Cristologia. São Paulo: Dom Bosco, 1986. p. 436). Por esse motivo, Deus se fez homem. Essa teologia influenciou os novecentos anos seguintes da história do cristianismo.

³⁴ DELEUZE, 1998, p. 183.

Na verdade, Jesus se fez único, singularizou-se, produziu uma subjetividade capaz de desarmar os laços de morte que envolviam as instituições de seu tempo. Ele encontrou uma *linha de fuga*. “O modo de existência de Cristo foi singularizado no sentido de que ele não se deixou capturar pelos modos de produção subjetiva dominantes de seu tempo.”³⁵

A salvação, portanto, não acontece num céu distante, mas aqui, entre nós, é histórica em Jesus Cristo, e precisa ser assumida historicamente por nós, caso queiramos que ela continue a produzir frutos e a tornar o reino de Deus presente e possível. “Não é verdade que ‘Deus esteja no céu e tu na terra’. Ao contrário, Deus está sempre aqui entre nós: no homem e na mulher, na terra e na história. Está como iniciativa absoluta, sempre em ato: como o que sustenta e promove, salva e perdoa, chama e suplica.”³⁶

Se a salvação acontece aqui, é possível compreendermos sua genealogia, bem como a genealogia das realidades injustas de nosso tempo. É possível traçarmos uma *cartografia do presente*, tendo em vista encontrarmos nós também, a exemplo do Filho de Deus, fissuras naquilo que está instituído e possibilitarmos a emergência de subjetividades afirmadoras da vida, e “vida em plenitude”, conforme a palavra de Jesus em João 10.10.

O *lugar teológico* salta, portanto, das autoridades (santos padres, dogmas, concílios, doutores da igreja – especialmente Tomás de Aquino) – sem que esses percam seu valor – para o agora, para aquilo que se delineia diante dos nossos olhos. O passado é revisitado como fonte, como genealogia do agora. A cartografia permite teologizar sobre o hoje da realidade humana, desenhando as forças que o constituem, buscando as brechas e linhas de fuga que produzem vida. Como nos lembra Libanio e Murad, “a viragem da modernidade ensinou a descobrir, em sentido diferente mas real, como ‘lugar teológico’, a experiência humana, enquanto ‘lugar de sentido’. Privilegiaram-se as experiências carregadas de densidade existencial: dor, sofrimento, morte, angústia, vazio existencial, etc.”³⁷.

O papel das Sagradas Escrituras, dos santos padres, dos dogmas, dos concílios, dos doutores da igreja adquirem assim um valor diferenciado. Não podem ser entendidos como verdades absolutas, posto que também são produção, também têm a sua cartografia. Mas, reinterpretados, relidos, revisitados, podem ser fonte de inspiração para a produção de subjetividades valorizadoras da vida.

³⁵ ESPERANDIO, 2001, p. 12.

³⁶ QUEIRUGA, 2003, p. 16.

³⁷ LIBANIO, João Batista e MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia**. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996. p. 34.

Produzir teologia: Uma reflexão do presente

Muito mais do que apenas *ler* a realidade, a teologia contemporânea é desafiada a *provocar* fissuras e abrir brechas no presente.³⁸ A atividade cartográfica ajuda-nos a perceber que as relações de força passam, não por cima, mas estendem-se por todo o campo social, passam pelo próprio tecido que se forma pelas conexões operadas pelo desejo. Neste sentido, a prática da atividade cartográfica não separa o pesquisador ou a pesquisadora do objeto a ser pesquisado. Desse modo, o teólogo cartógrafo ou a teóloga cartógrafa pode provocar, a partir de dentro, a emergência de novas formas de subjetivação e novas subjetividades. Como afirma Kastrup, “a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*”³⁹.

A atividade cartográfica pode tomar, inclusive, uma caracterização tipicamente conhecida como *pesquisa-intervenção*, uma vez que, fazendo parte do próprio processo, o pesquisador ou a pesquisadora pode propor e acompanhar dispositivos possibilitadores de emergência de subjetividades singulares, valorizadoras do humano, da vida, potencializadoras de processos de singularização que escapem das formas dominantes de subjetivação (que querem impôr modelos de existência empobrecedores da vida, visto que voltados mais para o fortalecimento e manutenção do *status quo capitalista*).

A modalidade de *pesquisa-intervenção* é apenas uma – entre outras – em que a cartografia pode ser usada. Uma teologia que seja capaz de produzir história, de ver a ação do Evangelho construindo e gerando vida.

Afirmar outros modos de existência que escapem aos determinismos é fazer história. O qualitativo se vincula, portanto, à recuperação do percurso dos movimentos dessa comunidade, percebido nas polêmicas, nos desvios, nas ações que fazem diferença, frente ao hegemônico, que abre espaço a imprevisibilidades. [...] A pesquisa-intervenção busca criar um campo de problematização, escavando outras dimensões do cotidiano e instaurando tensão entre representação e expressão, com a perspectiva de dar consistência a novos modos de subjetivação.⁴⁰

³⁸ Percebemos, por exemplo, a importância cabal da Teologia da Libertação na produção de vida na América Latina.

³⁹ KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, p. 15-22, Jan./Abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&tlng=en&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2009. p. 15.

⁴⁰ ROCHA, Marisa Lopes da. Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento. **Psico** (PUCRS), v. 37, p. 169-171, Maio/Ago. 2006. p. 171.

A teologia poderá assim aprofundar-se na pesquisa, evitando fixar-se em fatos acabados. Sua função, nesse contexto, será observar os jogos de poder que estão imbricados no tecido social, provocando as fissuras necessárias para a produção de subjetividades, como as do Cristo, que rompeu historicamente com as estruturas de morte de seu tempo.

Essa forma de produção teológica pode responder aos anseios da nova epistemologia surgida nestes tempos de crise do cientificismo, rompendo com a dicotomia entre sujeito e objeto; observador e observado. Nesta forma de se produzir teologia, o pesquisador ou a pesquisadora mergulha no objeto e ele ou ela mesma é sujeito-objeto de estudo. Trata-se de uma escuta atenta dos processos de construção de sentido. Não se volta tanto para os resultados, mas para o *como se produzem* resultados. Ou seja, interessa a qualidade dos cursos do processo – a potência de continuação, pois o que interessa na atividade cartográfica “é dar visibilidade às ações, aos rituais, às práticas que instituem um objeto, uma individualidade como algo em si mesmo. Os discursos e as normas produzidos em uma coletividade são práticas constitutivas da realidade e é isso o que nos cabe investigar, ou seja, os movimentos permanentes dos processos de subjetivação.”⁴¹

Considerações finais

O que era desde o princípio, o que ouvimos,
o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos
e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida [...] (1Jo 1.1).

Em Jesus, Deus realmente adentrou a realidade humana para transformá-la a partir de dentro, tornando o destino dos homens e mulheres seu próprio destino. Em Jesus, ser humano e Deus compõem juntos a história.

De fato, a força divina, entrando concretamente no tempo através da pessoa de Jesus, intervém no decurso da história humana, transformando-a, potencializando-a para outros modos de ser e de existir. Jesus Cristo não precisou utilizar meios mágicos e sobrenaturais para nos comunicar sua salvação – para isso não seria necessária a encarnação –, mas, entrando em nossa história, encontrou fissuras naquilo que estava instituído e determinado pelas instituições de seu tempo, possibilitando a emergência de novos modos de existência valorizadores da vida. Para isso, entretanto, ele teve de pensar de outra forma – distinta daquela própria de seu tempo. Foucault é enfático ao apontar a necessidade de “pensar de outra forma” e isso significa, como apontam Prado Filho & Martins, “duvidar dos enunciados que sustentam nossas regularidades subjetivas e sociais, pensar diferente, é ação política:

⁴¹ ROCHA, 2006, p. 171.

transgressão do discurso, resistência ao poder e prática concreta de liberdade”⁴². Neste sentido, como teólogos e teólogas, somos desafiados a “abandonar a pretensão de um lugar onde ‘se fala sobre Deus’, para refletir sobre o modo de pensar do ser humano sobre o sagrado”⁴³.

A teologia cristã olha para o presente, para os homens e mulheres de hoje afirmando que também podem produzir história, criar modos de subjetivação que valorizem a vida. Ao perceber as fissuras no instituído para, a partir delas, produzir o novo, Cristo nos deixou um exemplo de como a religião organizada pode transformar-se e ultrapassar-se⁴⁴, mantendo viva e significativa a experiência de fé. Como observa Esperandio,

Talvez também se faça necessário, por parte do próprio pesquisador e da pesquisadora em subjetividade e teologia, uma atitude de resistência aos processos de captura da força criativa. Colocar nossa capacidade criativa a serviço da afirmação da vida, da construção – em comum – de um mundo mais humanizado, em colaboração com outras ciências, parece-me uma forma de transgressão e de abertura a processos que escapam à lógica do mercado e das trocas com lucros⁴⁵.

Com Jesus aprendemos que a fé cristalizada em princípios meramente repetidos e vazios de sentido breca o processo de emergência de novos modos de existência que afirmam a vida em sua plenitude. É papel da teologia reler a vida do Cristo e auxiliar as pessoas que o seguem a responder à pergunta: “Quais brechas no instituído possibilitam um processo instituinte diferenciador?”⁴⁶.

Referências bibliográficas

- ANSELMO, Santo. **Por que Deus se fez Homem?** São Paulo: Novo Século, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972 - 1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- _____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- ESCOBAR, Carlos Henrique de (Org.). **Dossier Deleuze**. [s.l.]: Hólón Editorial, 1991.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A produção da (In)visibilidade da pessoa portadora de deficiência mental**. Cartografia de uma comunidade Batista. 2001. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001.

⁴² PRADO FILHO, Kleber e MARTINS, Simone. A Subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). **Psicol. Soc.**, v. 19, n. 3, p. 18, Porto Alegre, Set./Dez. 2007.

⁴³ ESPERANDIO, 2008, p. 25.

⁴⁴ QUEIRUGA, André Torres. **Recuperar a Salvação**. São Paulo: 1999. p. 174.

⁴⁵ ESPERANDIO, 2008, p. 25.

⁴⁶ ESPERANDIO, 2001, p. 13.

- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). **Uma Religião Chamada Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 15-26.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 26. ed. São Paulo: Graal, 2008.
- _____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul (Orgs.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, p. 15-22, Jan./Abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&tlng=en&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2009.
- LIBANIO, João Batista e MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia**. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.
- PRADO FILHO, Kleber e MARTINS, Simone. *A Subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s)*. **Psicol. Soc.**, v. 19, n. 3, Porto Alegre, Set./Dez. 2007.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **Recuperar a Salvação**. São Paulo: Paulus, 1999.
- ROCHA, Marisa Lopes da. Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento. **Psico** (PUCRS), v. 37, p. 169-174, Maio/Ago. 2006.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A Cartografia e a Relação Pesquisa e Vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/viewarticle.php?id=627:166-173>>. Acesso em: 13 mar. 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.
- SERENTHÁ, Mario. **Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre**. Ensaio de Cristologia. São Paulo: Dom Bosco, 1986.
- SOARES, Auriseane Gomes. Construindo ferramentas para ir ao encontro dos saberes da experiência: novos olhares sobre a formação continuada. VI SEMINÁRIO DA REDESTRADO – Regulação Educacional e Trabalho Docente. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_3/construindo_ferramentas.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2010.